



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

A GÊNESE DO *AMERICAN DREAM* E SUA RESSIGNIFICAÇÃO NO CENÁRIO ESTADUNIDENSE CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA



THE *AMERICAN DREAM* GENESIS AND ITS REFRAMING IN THE CONTEMPORARY NORTH AMERICAN SCENARIO: A DISCURSIVE ANALYSIS

Graziella Steigleder GOMES
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
Brasil

Tamiris Machado GONÇALVES
Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 30/06/2020 • APROVADO EM 08/10/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2590>

Resumo

Temos por objetivo escrutinar, sob a perspectiva discursiva, como os discursos políticos do 45º presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, refletem e refratam o *American Dream*. Nosso *corpus* é constituído por quatro discursos que representam desde o momento do anúncio da candidatura de Trump até a cerimônia da posse, os tendo em relação dialógica

com seu livro, “Grande outra vez: como recuperar a América debilitada”, bem como com a “Autobiografia de Benjamin Franklin”, um dos pais fundadores dos EUA, cuja trajetória consiste no primeiro exemplo por escrito da realização do sonho. Para além disso, examinaremos as formas como o projeto enunciativo do sonho discursivamente se relaciona com o denominado *American way of life*, e como esse ideal contribui para a construção do *ethos* estadunidense. A análise evidencia que Trump, que reiteradamente evoca o *American dream* em suas falas, atribui a esse uma nova significação, essencialmente distinta de sua concepção original.

Abstract

It is our objective to submit to scrutiny, under the discursive perspective, the ways in which the political speeches by the 45th president of the United States of America, Donald Trump, reflect and refract the American dream. Our corpus comprises four speeches, representing from the moment of his presidential bid announcement to the inaugural speech. We have these in a dialogical relation both to Trump’s book, “Great again: how to fix our crippled America”, as well as with the “Autobiography of Benjamin Franklin”, one of the founding fathers of the USA, whose life trajectory is considered the first written example of the fulfillment of the dream. Furthermore, we will examine how the enunciative project of the American dream discursively relates to the American way of life, and how this ideal contributes to the construction of the North American *ethos*. The analysis evidences that Trump, who repeatedly evokes the American Dream in his speeches, attributes to it a new meaning, essentially distinct from its original conception.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: *American dream*. Donald Trump. *American way of life*. *Ethos* estadunidense. Autobiografia de Benjamin Franklin.

KEY-WORDS: American dream. Donald Trump. American way of life. North American *ethos*. Autobiography of Benjamin Franklin.

Texto integral

No presente artigo, o objetivo geral é investigar como o discurso do 45º presidente norte-americano, Donald Trump, reflete e refrata o sonho americano. Nesse ato, busca-se compreender como o projeto enunciativo instituído na materialidade do discurso da “Autobiografia de Benjamin Franklin” – cujo autor fora uma importante e atuante figura na história colonial dos Estados Unidos da América e em seu movimento de independência – edifica condições discursivas para a criação do *American dream*, presente até os dias de hoje, e como esse é ressignificado discursiva e ideologicamente nos pronunciamentos de Trump.

Nosso objeto de análise é constituído por quatro discursos de Trump: o do anúncio da candidatura (jun/2015), um da campanha em si (ago/2016), o discurso da vitória (nov/2016) e o da posse (jan/2017).

Para tanto, discorreremos sobre como o projeto enunciativo do sonho americano discursivamente reflete e refrata o *American way of life* (em tradução livre: o modo americano de viver), ou seja, os modos de ser e agir que caracterizam o norte-americano. Com os resultados, esperamos iluminar facetas sobre como o *American dream* contribui para a construção do *ethos* estadunidense.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo aporte teórico-metodológico é a grande área do Discurso. Principalmente, recorreremos aos conceitos de dialogismo, enunciado concreto, ideologia e vozes socioculturais, da teoria dialógica do discurso; bem como ao de *ethos*, a partir das discussões de Amossy e Maingueneau.

1 O sonho americano: ideologias em funcionamento

Conforme Orlandi (2013), para que o analista do discurso possa melhor conceber o objeto de seu estudo, torna-se necessário ter em mente que todo o discurso se encontra submetido à incompletude, ao interdito e ao movimento de refração. Dessa forma, para alcançar determinada materialidade discursiva, faz-se necessário ligá-la à história, com vistas a perceber que, em todo discurso, há um índice de indeterminação, já que ideologias são refratadas sob a enunciação concreta. Assim, é papel do analista refletir sobre como são construídas as relações entre os eventos e a discursividade, ou seja, a relação entre acontecimento e discurso, criando para tanto um dispositivo de análise que:

[...] tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2013, p. 59).

Assim, para dar conta de nossos objetivos, faremos uso dos procedimentos metodológicos de investigação ancorados na perspectiva dialógica do discurso, especificamente os propostos por Volóchinov em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, quais sejam:

1. Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na "consciência" ou em outros campos instáveis e imprecisos).
2. Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
3. Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material. (VOLÓCHINOV [1929] 2017, p. 110, grifos do autor).

Isso significa dizer que o fenômeno discursivo que se analisa não deve ser pensado fora de um contexto social e histórico que o circunscreva, na relação de tensão que se dá entre os sujeitos que enunciam e para quem esses enunciados se direcionam. Assim, deve-se pensar a ideologia, isto é, sua valoração, em relação com a linguagem e sua materialidade concreta, de forma a não dissociar sua essência no discurso da essência da história, que é o meio pelo qual ela é trazida à cena. Ao mesmo tempo, é preciso articular os âmbitos social e histórico no que se refere aos acontecimentos que se tornam objetos de investigação, não os desvinculando de suas condições de produção.

Além disso, compreendê-los em sua interação com diferentes discursos, tanto passados quanto futuros. Passados porque relacionados com todos os discursos anteriores, justamente por estarem no meio social e histórico; futuros porque cada discurso é uma projeção de mais discursos, ou seja, cada discurso contém em si a possibilidade de resposta, aponta para novas enunciações e sentidos.

O dialogismo, um dos nortes teóricos eleitos para levar a cabo o presente estudo, é, para a teoria dialógica do discurso, o princípio constitutivo do discurso e dos sentidos, pois é na influência recíproca entre dois ou mais elementos que as interações ocorrem no curso do tempo, em um espaço social definido e sob um complexo ambiente de intercursos socioculturais que o dialogismo tem lugar, porque a relação com o outro é constitutiva (GONÇALVES, 2015). Bakhtin ([1975] 2015, p. 51) enfatiza que a natureza dialógica é um fenômeno de todo discurso, pois “Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele”.

Assim, vivemos em uma complexa sociedade rodeada por discursos, com os quais estamos em permanente diálogo, em permanente relação dialógica. Justamente esse diálogo é o que edifica a ideologia, essa teia complexa de valorações, de juízos de valor, formados pelas vozes socioculturais, isto é, pelos muitos fios dialógicos que tramam os discursos, construindo um movimento infinito de relações de sentido, que dão lugar a pontos de vista dos mais variados. O dialogismo está, pois, no direcionamento para o outro; na condição de ser uma resposta e ser motivador de outras atitudes responsivas. Toda essa dinâmica é perpassada por valorações, pela impressão do sujeito, pela cor do momento histórico, pelos atravessamentos discursivos e pela combinação de tudo isso. Como vemos, são conceitos inter-relacionados.

Para compreender nosso objeto de análise, às ideias do Círculo de Bakhtin, brevemente comentadas, acrescentamos às de Maingueneau e Amossy sobre o conceito de *ethos*. Maingueneau (2018) menciona que esse conceito vai movimentar perspectivas que colocam em cena o que o locutor diz sobre si e o que a sua maneira de enunciar mostra. Em suas palavras: “o destinatário constrói a figura de um fiador dotado de propriedades físicas (corporalidade) e psicológicas (caráter), apoiando-se sobre um conjunto difuso de representações sociais

avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos que a enunciação contribui a fortalecer ou a transformar” (MAINGUENEAU, 2018, p. 323).

Assim, *ethos*, de acordo com Maingueneau (2013), é o fenômeno pelo qual, por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. Para Amossy (2005, p. 127), *ethos* “É o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e à situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem”.

A noção de *ethos* refere-se, então, às construções que se dão no discurso e a partir dele, na relação entre enunciador e auditório, para que esse possa aderir à imagem a qual o locutor pretende veicular como verdadeira, independentemente de sua real intenção, buscando induzir com seu discurso um *status* que se conforme a seus objetivos e à reação que procura causar em seu auditório. Dessa maneira, o enunciador regulará seu discurso de modo a atingir seus objetivos junto ao público que deseja influenciar.

2 A origem do *American dream*

A fim de refletir sobre a constituição do *American dream*, mencionamos a “Autobiografia de Benjamin Franklin” (publicada postumamente, em 1791), considerada uma das mais importantes na história da literatura norte-americana. Abordando temas como finanças, valorização do trabalho árduo e honesto, educação, autodidatismo, espírito comunitário colaborativo e patriotismo, bem como a busca pelo aperfeiçoamento moral e pelo traquejo social, nela Franklin desvela seu processo de autoaperfeiçoamento e conseqüente sucesso, tendo em vista instruir seus leitores a igualmente atingirem esse objetivo.

Para além de ser considerada o embrião dos livros de autoajuda, a *Autobiografia* consiste em um importante documento histórico, uma vez que nos informa sobre como era a vida nos tempos coloniais, e sobre como a posição de seu autor perante a vida retrata o idealismo vigente no séc. XVIII. Por motivos como esses, continua ainda hoje a ser amplamente lida.

Franklin foi o que se considera atualmente um *self-made man*, isto é, alguém que vence na vida por meio de seus próprios méritos, sem favores ou subterfúgios. Dessa forma, a *Autobiografia* é considerada o primeiro exemplo por escrito que descreve o *American dream* (ZIFF, 2005), que consiste, em essência, na mobilidade que possibilita a qualquer pessoa ascender social e economicamente e ser respeitada por seus pares, em razão de seu esforço pessoal. O sonho americano é o *ethos* nacional dos norte-americanos, no qual é perseguida a ideia de que qualquer um que se esforce e use inteligentemente suas oportunidades pode prosperar.

O conceito do *American Dream* está ancorado na Declaração de Independência dos EUA (1776), que proclama: “todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade”.

Nas palavras de James Truslow Adams, em seu livro “The Epic of America” (1931, p. 404), “O *American Dream* é o sonho de uma terra na qual a vida deve ser melhor, mais rica e mais plena para todos, com oportunidade para cada um de acordo com a capacidade ou a realização”¹. Ou seja, para que se atinja o ideal do sonho, não são relevantes classe social ou contexto de nascimento.

2.1 Benjamin Franklin e Donald Trump: biografias em tensão

Natural de Boston, de origem modesta, Franklin alcançou êxito econômico, político e científico. Fundou a University of Pennsylvania e a Sociedade Filosófica Americana; descobriu questões relativas à eletricidade – dentre suas invenções estão o para-raios, o fogão e as lentes bifocais. Desenvolveu importante papel no processo de Independência dos Estados Unidos, foi coautor e um dos signatários da Constituição Norte-Americana. Por suas realizações, recebeu títulos honorários de Harvard e Yale.

A trajetória de Franklin pode ser considerada um reflexo da chamada Era da Razão – ou Iluminismo. Nesse contexto, foi possível que, nas colônias britânicas que mais tarde se tornariam os Estados Unidos da América, os chamados *Founding Fathers*² pudessem criar o movimento de independência. Franklin se sobressai entre os pais fundadores por não ter sido um militar e por não ter sido presidente. Entretanto, foi capaz de usar sua eloquência e sua personalidade cativante para promover o ideal de uma nação norte-americana, tanto na colônia quanto em outros países. Considerado um *renaissance man*, é por muitos tido como “o primeiro americano” (*the first American*).

Consideraremos agora o caminho percorrido por Trump, que passou de empresário de sucesso a presidente dos EUA. De acordo com informações contidas no capítulo *Sobre o autor*, parte integrante de seu livro autobiográfico intitulado “Grande outra vez: como recuperar a América debilitada” (2017, p. 191), temos:

Donald J. Trump é a própria definição da história de sucesso norte-americana, continuamente definindo padrões de excelência, enquanto expande suas atividades nas áreas imobiliária, esportiva e de entretenimento. Ele é o arquétipo de empresário – um executor de projetos sem igual.

Ainda no livro supracitado, lemos os dados que seguem. Nascido em Nova York, lá se formou pela Wharton School of Finance. Ainda nessa cidade, iniciou sua carreira empresarial, tendo trabalhado com seu pai por 5 anos, para logo após ingressar no setor imobiliário de Manhattan. Seu nome está envolvido em pelo menos 70 construções e projetos que movimentam ou movimentaram milhões de dólares, tanto nos EUA quanto em outros locais espalhados pelo mundo, sendo o *Trump World Tower* um dos seus mais conhecidos empreendimentos.

Escreveu diversos *best sellers*, nos quais descreve sua carreira e dá conselhos sobre como adquirir e acumular fortuna. Envolveu-se igualmente com a indústria midiática com seu *reality show* chamado “O Aprendiz”, cuja primeira temporada foi ao ar em 2004, pela rede de televisão NBC. Em janeiro de 2007, recebeu uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood e, em 2015, anunciou oficialmente sua candidatura à presidência de seu país, tendo obtido vitória pelo Partido Republicano.

É possível perceber relação entre as histórias de vida de Franklin e Trump. Ambos atingiram o ápice nas escalas social e econômica e tiveram sua marca na sociedade norte-americana. Franklin alçou-se de uma existência humilde ao mais alto reconhecimento em meio à sociedade em que vivia principalmente em razão de suas habilidades para fazer ciência; Trump, por sua habilidade de multiplicar cifras.

Trump parece encarnar uma versão moderna de Franklin. Esse fato reflete e refrata dialogicamente as semelhanças entre ambas as biografias, respondendo ativamente às ideologias concernentes ao sonho americano em sua gênese, conforme será possível ver na discussão que segue.

3 RECORTES ILUSTRATIVOS

Nosso objeto de análise é composto por quatro discursos: o do anúncio da candidatura (jun/2015), um da campanha em si (ago/2016), o discurso da vitória (nov/2016) e o da posse (jan/2017). Esses discursos são entendidos na relação dialógica com o livro de Trump, “Grande outra vez: como recuperar a América debilitada” ([2015] 2017), e com a “Autobiografia de Benjamin Franklin”.

Isso porque, Trump, em suas manifestações enquanto candidato à presidência e como representante eleito, evoca discursivamente o ideal do sonho americano, os discursos escolhidos são emblematicamente perpassados por essa valoração. Nesses termos, cabe questionar: qual o projeto enunciativo nesses atos? O que a apresentação do sonho americano pode gerar em termos de efeito de sentido em discursos políticos vindos de Trump e de que formas o sonho americano é ressignificado nesses pronunciamentos?

Iniciamos a discussão sobre recortes ilustrativos tomando como base as concepções arraigadas no e sobre o imaginário coletivo estadunidense, que se constituem em seu *ethos*. Podemos pensar no *ethos* dos Estados Unidos da América como sendo o da terra das infinitas possibilidades, que projeta uma dupla relação de sentido: tanto é o lugar em que as possibilidades existem e há chance de ascensão; quanto possibilidades em termos de poder, uma nação que se pretende superior às outras, em termos científicos, políticos, culturais, etc.; que pretende que suas práticas sejam reconhecidas como melhores que as de outros países aos quais subjugam, mantendo, dessa forma, o *status quo* que as classes hegemônicas buscam perpetuar: a segregação ou exclusão social das minorias em geral para a autopromoção.

O presidente republicano em questão recorre discursivamente ao sonho americano em um pronunciamento datado de 29/09/2017, no qual assevera: "Com a sua ajuda e a sua voz nós traremos de volta nossos empregos, traremos de volta nossa riqueza e para cada cidadão nessa terra nós traremos de volta o nosso grande sonho americano".³

Trump projeta o *ethos* de um cidadão que personifica o sonho americano, como ele mesmo afirma em seu livro "Grande outra vez" ([2015] 2017):

Aprendi com meu pai e meu tio o valor do trabalho e o valor de uma boa educação. (p. 59) O dinheiro que ganhei foi resultado do meu próprio trabalho – projetos que criei, contratos que firmei, empresas que comprei e reformulei. [...] Fui à luta prosperei (p. 91). Eu sou rico. Quero dizer, sou *realmente* rico (grifo do autor, p. 87).

Conseqüentemente, podemos encontrar em seus discursos enunciados como os que seguem:

Vamos restaurar a confiança e o orgulho em nosso país, tornando a América grande outra vez ([2015] 2017, p 159); [...] precisamos revigorar o sonho americano e devolver nosso país aos milhões de pessoas que trabalham tanto por tão pouco. Um número expressivo de americanos está se perguntando (e quem poderia culpá-los) sobre o que aconteceu com a grande promessa deste país e com a ideia que cada geração melhora as coisas para seus filhos ([2015] 2017, p. 177).

Ainda em "Grande outra vez", encontramos diversos enunciados nos quais Trump procura estabelecer um franco diálogo com seus leitores. Na direção em que o dialogismo se refere a um modo de interação ou à condição fundamentalmente interativa necessária para que haja comunicação – pressupondo indivíduos em relação, dotados cada qual de sua subjetividade; sujeitos sócio-históricos que agem e interagem no mundo –, encontramos repetidamente o enunciado "acredite em mim". À página 35, ao discorrer sobre a construção do muro entre os EUA e o México, temos duas ocorrências desse apelo: "As pessoas dizem que isso não pode ser feito – como construir um muro ao longo de toda a fronteira? Acreditem em mim, dá para fazer"; (...) "Acredite em mim, nossa tecnologia de construção de muros melhorou muito em 2 mil anos".

Há igualmente ocorrências tais como "veja" (p. 63), em que o presidente chama a atenção para a questão da necessidade de uma disciplina mais rígida nas escolas (e segue justificando seu ponto de vista); "você sabe" (p. 79), trecho no qual dialoga com o leitor sobre a questão da saúde pública nos EUA; "lembre-se" (p. 166), afirmação que ele conclui dessa forma: "precisamos assegurar que este país se posicione e revide", entre outras.

Nessas interpelações em primeira pessoa, junto ao público em geral, e principalmente junto a seus apoiadores, vai-se dando realce aos feitos do presidente relativamente à sua ascensão econômica, e assim seu *ethos* de um *hard-working man*, uma pessoa que trabalha muito, que deu certo na vida, vai-se construindo.

Esse esforço para manter um diálogo ativo com o interlocutor é também encontrado em seus discursos. Assim, temos:

A América começará a vencer novamente, como nunca antes vencera. Nós traremos de volta nossos empregos. Nós traremos de volta nossas fronteiras. Nós traremos de volta nossa riqueza, e nós traremos de volta nossos sonhos.⁴

Em trechos como esse, podemos compreender um projeto de incluir o ouvinte e fazer com que ele se sinta parte do *American dream*. Assim, vemos que "Em todas suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele" (BAKHTIN, 2015, p. 51). Dessa maneira, a repetição dos pronomes "nós" e "nosso" contribui para que o sentimento de pertencimento àquela nação possa efetivar-se. É nessa direção que o dialogismo, entre outras coisas – e para nossos propósitos neste artigo –, constitui-se em uma forma de interação entre enunciados já proferidos, ou entre enunciados proferidos e os que ainda estão aguardando, enquanto potencialidade, para serem realizados.

Vemos então que os discursos são constituídos e/ou mobilizados por outros discursos, sempre em uma tensa relação, que culmina em distintas relações de sentido. É dessa maneira que podemos entender o dialogismo entre os escritos de Franklin e a política de Trump: o presidente retoma os ideais levados a cabo pelo pai fundador relativos à prosperidade econômica e social, em uma função de responsividade com o passado; entretanto, nessa retomada, os sentidos são perpassados por outras valorações, edificando efeitos de sentido que se afastam daqueles vistos na gênese do sonho.

O apelo emocional relativo ao pertencimento a uma grande nação é feito principalmente à classe média. Dessa maneira, em seu livro (TRUMP, [2015] 2017), temos à página 30: "Aprendi há muito tempo como falar diretamente às pessoas que importam – aos americanos comuns (...). Provavelmente vocês são esses – os verdadeiros americanos – para quem escrevi este livro".

Nos projetos enunciativos do presidente, a imagem engendrada é a de que "A América é o país mais poderoso do mundo" (p. 44) e que "A América é o líder do mundo livre" (p. 154). Segue Trump: "Adquirimos o direito de nos vangloriar e deixar claro que estamos preparados e dispostos a fazer o que for necessário para defender esse país, bem como a liberdade em qualquer lugar do mundo" (p. 154). Temos nesses excertos a presença de vozes socioculturais que trazem em si valorações coletivas do povo daquele país e que emanam concepções de vida relacionadas à identidade norte-americana.

A identidade estadunidense é diretamente relacionada ao *American dream*, que nada mais é que um reflexo de seu *ethos*. Com base nessa noção, Trump aproveita o imaginário coletivo estadunidense e apresenta-se enquanto personificação do sonho americano, ao afirmar (TRUMP, 2017):

Não conheço ninguém que trabalhe tão duro quanto eu. Trabalho o tempo todo (p. 148). Trabalho arduamente, sou honesto e bem-sucedido. Os bilhões que tenho? Ganhei cada centavo (p. 103), (...) para ver o que realizei, basta dar um belo passeio pelas maiores cidades do mundo – e olhar para cima. Olhe para cima e você verá os edifícios Trump erguendo-se aos céus (p. 180).

Percebemos, então, que, ao identificar-se como um exemplo vivo da mobilidade social estadunidense, o presidente parece ter tido legitimidade para anunciar-se – e enunciar-se – como a única opção possível e viável para que o país se torne "grande outra vez". Em campanha, afirmou: "Nosso país precisa de um grande líder, e nós precisamos de um líder verdadeiramente grande agora. Nós precisamos de um líder que tenha escrito *A arte da negociação*".⁵

Nessa dinâmica, o enunciador constrói um projeto de dizer persuasivo porque sua história empresarial o faz líder, por gestar e estar à frente de seus negócios, reconhecidos como exitosos no mundo empresarial; grande, devido ao patrimônio que ostenta tanto em termos pessoais quanto empresariais; e negociador, justamente por sua experiência como homem de negócios. Esse locutor se vende ao evocar palavras que o auditório pode encontrar respaldo positivo no mundo social. Há fatos empresariais que validam o que o locutor assume. Assim, há

[...] uma construção em permanente processo de edificação, reelaboração e ajustes. Essa construção parte de um modelo de imagem anterior, já estabelecida por rituais e rotinas de interação social, nas quais o interlocutor atribui ao locutor referências com base em um *status* social reconhecido. O *ethos* se constrói e se interpreta, portanto, a partir de modelos sociais disponíveis, que são ajustados no momento da interação, em função dos objetivos perseguidos e das condições de produção, que determinam o léxico, os temas, as maneiras de dizer e os papéis dos participantes (LÓPEZ-MUÑOZ; GONÇALVES, 2018, p. 342).

Em um de seus discursos pré-eleição, declarou: "Estou concorrendo para oferecer ao povo americano um novo futuro de honestidade, justiça e oportunidade. Um futuro onde a América, e seu povo, sempre – e eu reforço, sempre – virão em primeiro lugar. E eu nunca, nunca deixarei de lutar por vocês".⁶ Nesses enunciados Trump faz ênfases e apelos emocionais com valorações criadas na tensão *eu-vocês*, criando relações de sentidos de exclusividade a partir de seu *ethos*: eu posso fazer a América honesta, justa e próspera porque esse sou eu.

Isso porque Trump cria essa imagem de si por meio de seu discurso, construindo sentidos de que, para além de ser um homem bem-sucedido, é, antes de tudo, em sua percepção, um lutador que venceu na vida de modo que concorre à presidência para usar sua expertise em prol da nação – há valoração de superioridade nessas construções porque o *eu* é marcado como indivíduo apartado do *você* (povo americano) e do *vocês* (interlocutores).

Assim, é projetado nesse pronunciamento um sentido nacionalista, de alguém que sabe o valor do povo de uma nação, que acredita nesse povo e que vai se esforçar por trazer de volta ao país a vitória que lhe é justa. Há repetições que criam ênfase ao mesmo tempo que dão efeito de veracidade ao que é dito, como em um juramento: “Eu nunca, nunca deixarei”; “e seu povo sempre – eu reforço – sempre”.

Diante de enunciados como “Nós botaremos o povo americano em primeiro lugar *novamente*”⁷ e “Não temos mais vitórias. *Costumávamos* ter vitórias, mas não as temos”⁸ (grifo nosso), pode-se depreender que os EUA não estão em primeiro lugar *agora*, ou seja, já estiveram antes, mas não mais. Uma solução fácil para explicar esse retrocesso, de acordo com a enunciação do então candidato, é atribuir a culpa a outros povos – esse projeto pode ser visto no discurso sobre a criação do muro entre EUA e México. Esse enunciado também deixa ver que Trump requer para si o poder de alinhar o país com o passado glorioso, com certa permanência *costumávamos ter vitórias*.

Na direção em que a linguagem é vista como um fenômeno social, sua veiculação se dá entre seres humanos social e historicamente constituídos, portanto, dotados de ideologia, que é vista como uma posição axiológica tomada por sujeitos, estando, assim, permeada de valores.

As ideologias do *American dream* em sua versão contemporânea, tais como a promoção da xenofobia e da exclusão social de imigrantes ilegais, bem como da intolerância para com os que não se submetem ao *American way of life*, fazem-se presentes no discurso de Trump à medida que o presidente enuncia a partir de uma posição de hegemonia relativamente a outros países e povos, buscando instaurar suas concepções pessoais, que ele toma como coletivas, como as únicas desejáveis e possíveis. Nessa seara, trazemos à baila uma enunciação dirigida à China e ao México⁹, na qual a intolerância para com esse povo é flagrante:

Muitas pessoas não conseguem empregos. Não conseguem porque não há empregos. Porque a China e o México estão com nossos empregos. Todos eles têm empregos. Nossos inimigos estão se fortalecendo e nós, enquanto país, estamos enfraquecendo.¹⁰

A solução então prontamente se apresenta: “Eu trarei de volta nossos empregos da China, do México, do Japão, de tantos lugares. Eu tratei de volta os nossos empregos, e tratei de volta o nosso dinheiro”.¹¹

Volóchinov ([1929] 2017) explica que, onde há ideologia, há signos, porque esses só podem se articular em um campo interindividual, entre subjetividades, já

atravessadas por ideologia(s). Todo o signo, à medida que reflete a realidade, também a refrata, porque está atravessado pelo sujeito. Nesse contexto, para Volóchinov ([1929] 2017, p. 93, grifo do autor):

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. [...] O campo ideológico coincide com o campo dos signos. *Tudo que é ideológico possui significação sgnica.*

Nesse sentido, temos, por exemplo, relativamente à questão concernente à fronteira com o México, as bases que sustentam o discurso xenofóbico e que, por conseguinte, retroalimentam o ideal contemporâneo do *American dream*:

Quando o México envia seu povo, eles não estão enviando o seu melhor. Eles estão enviando pessoas que têm muitos problemas, e eles estão trazendo esses problemas para nós. Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo crime. Eles são estupradores. E alguns, presumo, são boas pessoas.¹²

Nota-se nesse enunciado a recorrência do pronome "eles", que, dialogicamente, refere-se ao povo mexicano, em oposição (ainda que não mencionado) ao povo americano, "nós": "Eles (os mexicanos) estão rindo da nossa estupidez. E agora estão nos batendo economicamente. Eles não são nossos amigos, acredite em mim. Eles estão nos matando economicamente."¹³. Esse discurso reverbera um projeto de tensão "nós" contra "eles", projetando um movimento de que quanto mais contra "eles" o locutor se dispõe discursivamente, mais pertencente ao "nós" ele é, mais nacionalista, mais preocupado por velar pelo bem nacional, já que esse é o *ethos* da campanha de Trump.

Assim, Trump vai construindo um discurso que o projeta como alguém preocupado, como aquele que está ciente de seus deveres cívicos para com o país, por isso alerta a população. Dessa maneira, por meio do "*ethos* é que se mostra o carácter moral do locutor (suas intenções e sua personalidade como locutor) na relação com o interlocutor" (LÓPEZ-MUÑOZ; GONÇALVES, 2018, p. 344).

Como erradicar esse inconveniente? A solução apontada pelo presidente é: construindo um muro. Ou seja, apartando, discriminando, eliminando, rechaçando: "Eu construirei um grande muro – e ninguém constrói muros como eu –, e eu o construirei a baixo custo. Eu construirei um grande, grande muro na nossa fronteira ao sul. E eu farei com que o México pague por isso. Anotem minhas palavras."¹⁴. Seu discurso de modo recorrente desafia o interlocutor, buscando validade e confiança, tal como no trecho "Anotem as minhas palavras".

Vemos, a partir desse posicionamento, que o muro se torna o signo concreto da exclusão, segregação e da intolerância, não só para os mexicanos – mas para os imigrantes ilegais em geral. Torna-se o signo da falta de esperança no futuro, da

falta de oportunidades, de uma vida abaixo dos padrões sociais minimamente aceitáveis, justamente porque, para o mundo, os EUA são uma identidade de potência, de possibilidades, são o *ethos* do sonho, refletido e refratado nas vozes socioculturais que permeiam esses discursos.

Esse senso de insatisfação se espraia principalmente para questões relativas à violência e à falta de empregos. A seguir, passaremos a ilustrar, a partir de excertos recortados dos pronunciamentos de Trump, como se dão as ideologias xenofóbicas em seu discurso. Assim, temos que um país altamente industrializado, como a China, não pode se furtar de ser um dos réus relativamente aos problemas econômicos dos EUA: "(A China) está nos explorando. Está sendo reconstruída a nossas custas. Você vai lá agora, estradas, pontes, escolas, você nunca viu nada como isso. Eles estão por toda parte"¹⁵. E o então candidato assegura que "Nós devemos enfrentar a China (...) e proteger todo e cada um dos empregos americanos".¹⁶

Um enunciado semelhante ocorre concernentemente a outros países: "A riqueza da nossa classe média tem sido arrancada de seus lares e redistribuída por *todo o mundo*. Uma a uma, as fábricas fecharam e milhões de trabalhadores americanos foram deixados para trás"¹⁷ (grifo nosso). Ideologicamente, podemos identificar vozes socioculturais que reverberam que a "América" se contrapõe a "todo mundo", todos os países que, principalmente por não se sujeitarem às políticas econômicas ditadas pelos EUA, tornam-se inimigos, ou seja, devem ser evitados, devem ser excluídos.

O mesmo ocorre com todos os que não se sujeitam a viver sob o dito *American way of life*, ou seja, povos que não se submetem às políticas imperialistas dos EUA, à sua doutrinação ideológica e massificação cultural. O modo americano de viver foi engendrado por volta dos anos 1920, época de prosperidade econômica e de melhoria de condições de vida dos EUA, época essa em que o país estava propulsionado pela tecnologia e passava por um processo de rápida evolução. Esse cenário deu ao seu povo uma imagem de si grandiosa, moldada pelo poder de compra e pelo estatuto de bem-estar que essa situação ensejava.

Ocorre que, além dessa imagem de si positiva que a nação vivenciava, ao longo dos anos, foi-se instituindo também uma projeção negativa, sentida externamente, em razão dos modos de viver difundidos pelos americanos: um povo que, ao mesmo tempo que sofre as mazelas da desigualdade, promove um consumismo desenfreado e oprime o que é diferente de si. O termo *American way of life* foi trazido à tona no governo de George Bush, ao afirmar que o modo de viver americano não pode ser ameaçado por outras nações, buscando justificar/legitimar, assim, as intervenções militares no Iraque.

Os que não se sujeitam ao modo estadunidense de ser são considerados transgressores, vivendo à margem da sociedade. Sob a superfície de um enunciado como: "Nós não procuramos impor nosso modo de vida a ninguém, ao invés disso, o deixamos brilhar, como exemplo. Nós brilharemos para que todos nos sigam"¹⁸, torna-se evidente que o país busca promover um tipo de dominação que engloba interesses distintos, que se traduzem como políticas contraditórias, espalhando-se igualmente para a esfera ideológica em geral.

Apesar de ser perceptível a tentativa de os EUA procurarem passar para o mundo a imagem de que, em seu bojo, não há estratificação de classes econômicas, nota-se que há discrepâncias importantes em termos de classes sociais; mas isso é refratado na autoimagem que o país procura projetar, qual seja: a de que há, em seu interior, a possibilidade para mobilidade social.

As ideologias que refletem e refratam o *American dream* são perceptíveis no discurso de Trump. Seu discurso populista traz em si elementos do dito sonho, em uma fala que promete trazer de volta os EUA e sua prosperidade para os que o pertencem legitimamente, os norte-americanos. Vemos então que se responsabiliza o que vem de fora, o que não é endógeno, o que é diferente. Assim, somente o modo de viver americano é possível, e é somente mediante sua aderência que o estrangeiro pode ser aceito: "Se você quer juntar-se à nossa sociedade, então você deve abraçar nossa sociedade. Nossos valores, nosso modo *tolerante de vida*"¹⁹ (grifo nosso).

Trump afirma no mesmo discurso que "[...] não aceitaremos ninguém que não compartilhe dos nossos valores e ame nosso povo"²⁰, reiterando que somente a sua perspectiva é válida, pontuando que ele tem a solução para a inclusão: que sejam seguidos os princípios norte-americanos. Em sua visão, há tolerância nessa projeção porque o aviso foi dado. Se algo diferente ocorre, não é de sua responsabilidade, é culpa de quem não aderiu a esse contrato monocrático. Nesse sentido, a intolerância estaria no outro, que não cumpre com os requisitos.

O *ethos* de nação que o país projeta é o de que seus cidadãos possuem direitos inalienáveis à vida; que são dignos de prosperidade e felicidade, conforme o documento da Declaração da Independência (EUA, 1776); também que seu modo de vida é superior e que seu padrão de comportamento deve servir de exemplo. "Nós promoveremos nossos valores americanos, nosso *American way of life*, e nosso sistema de governo americano, que é o melhor do mundo".²¹ Esse discurso é perpassado axiologicamente por um viés religioso: recorre-se à figura de Deus para validá-lo. "Nós vamos fazer a América grande novamente"²², "E mais importantemente, seremos protegidos por Deus"²³.

Nesse contexto, Trump assume "[...] a urgente tarefa de reconstruir a nação e renovar o *sonho americano*"²⁴ (grifo nosso). Garante: "Eu me nego a permitir que outra geração de crianças americanas sejam excluídas do *sonho americano*"²⁵ (grifo nosso) e que "Nos livraremos de regulações que mandam empregos para o exterior e nós facilitaremos a concessão de crédito a jovens americanos para que possam iniciar seu negócio e seguir seu *sonho*"²⁶ (grifo nosso).

É assim que o vemos, no discurso da vitória, enunciar que "A América não mais se contentará com algo que não seja o melhor. Nós devemos recuperar o destino do nosso país e *sonhar* grande, corajosa e atrevidamente. Nós vamos *sonhar* com coisas belas e bem-sucedidas mais uma vez"²⁷ (grifo nosso).

Como vimos, os EUA são uma das potências mundiais que envolvem, de alguma forma, o planeta inteiro. Exportam produtos, conceitos, valores. Sua cultura é replicada direta ou indiretamente por diferentes nações. Assim, é possível ver Trump enunciar, no discurso inaugural, que "Juntos determinaremos o curso da América, bem como do mundo todo, por muitos, muitos anos que virão."²⁸ Nesse

enunciado, é possível identificar a voz de comando que o país toma para si, voz essa emitida pelo presidente eleito no desejo de seguir uma imagem histórica de comando e direcionamento; é o poderio dos Estados Unidos e seu projeto de espraiamento e manutenção em relação a ser uma potência mundial, já que, ao determinar o próprio curso, marcam a linha para os demais.

Para Chomsky²⁹ (2017), no contexto de uma América "debilitada" – conforme o título do *bestseller* escrito pelo presidente –, cujas classes baixa e média se encontram sob os ataques da violência, falta de empregos e de um sistema de saúde eficiente (entre outros problemas), há campo fértil para:

[...] o surgimento de um ideólogo carismático, alguém que [consegue] explorar o medo e o ódio que anda fervilhando, um perigo latente em grande parte da sociedade, enfim, alguém que [seja] capaz de desviar esse sentimento para longe das verdadeiras causas de nossos males, canalizando-o na direção de alvos frágeis e inofensivos (CHOMSKY, 2017, p. 159).

Ainda assegura o autor:

Ele (Trump) recebeu um apoio enorme de pessoas com raiva e ódio de tudo e todos. Tanto é assim que, sempre que Trump faz algum comentário horrível a respeito de alguém, sua popularidade aumenta. É uma popularidade assentada em sentimentos de ódio e medo (idem, p. 159).

Assim, ponderar sobre os enunciados do presidente republicano pode trazer à luz, sob a perspectiva discursiva, as formas como um discurso populista, que promete a seus interlocutores soluções fáceis e simples sobre como tornar os EUA "grande outra vez", passou a ser amplamente aceito, apesar de trazer em seu bojo questões como a xenofobia e a intolerância. Essas valorações ressignificam o sonho americano, atravessando-o axiologicamente pelas perspectivas de Trump.

PARA CONCLUIR

Podemos, a partir do exposto, perceber que, na enunciação do presidente eleito nos EUA no ano de 2016, encontram-se aspectos lacunares: Trump reiteradas vezes afirma que trará novamente o sonho americano, tornando a América "grande outra vez", mas poucas vezes apresenta um plano razoável e sensato sobre como fazê-lo, e raras vezes enuncia especificamente como o fará.

Torna-se aparente que o *American dream*, assim como fora engendrado pelos escritos de Benjamin Franklin em sua *Autobiografia*, bem como pela sua vitoriosa trajetória de vida, é essencialmente diferente do *American dream* tal como esse é evocado nos discursos políticos do presidente dos EUA, Donald

Trump. Tal se dá em razão de que, no primeiro caso, o sonho americano visava ao sucesso econômico e pessoal por meio de trabalho duro e perseverante. Com sagacidade e um bom senso de oportunidade, todos poderiam alcançar os meios para tornarem-se economicamente abonados e serem membros plenos em meio à sociedade em que viviam.

A análise evidencia que o sonho americano, no qual se assenta a mobilidade social (para cima), tem passado por uma resignificação quando trazido à tona nos discursos de Trump, pois passou a relacionar-se intrinsecamente com questões relativas, por exemplo, à xenofobia a partir de um discurso nacionalista ao extremo. Essa valoração é vista quando o presidente propõe a construção de um muro para evitar a imigração ilegal vinda do México – afirmando que os empregos ocupados por imigrantes ilegais voltarão para as mãos dos norte-americanos, seus "pertencedores" de origem.

Esse tipo de discurso se vale de um tipo de "[...] sentimento de raiva difuso — manifestações de ódio, ataques recíprocos, alvos vulneráveis. Irracionalidade de pessoas agindo contra seus próprios interesses" (CHOMSKY, 2017, p. 158-159), um descontentamento espalhado principalmente entre as classes populares. Trump aproveita a desesperança dessas e promove um ato enunciativo no qual são inscritas ideologias construídas em seu discurso e que se reportam ao *ethos* por ele construído, sobre o qual afirma trazer novamente o sonho americano, defendendo a América diante de ameaças vindas de fora e de dentro do próprio país. O que percebemos, então, é que o sonho perdera seu significado inicial, pois atualmente se relaciona, entre outros fatores potencialmente negativos, à promoção da exclusão e da intolerância.

Esperamos que a partir de nossa reflexão sobre como o *American dream* se configura no cenário estadunidense contemporâneo tenha sido possível fornecer subsídios para que o público-alvo de pronunciamentos como os aqui descritos possa melhor entender seu conteúdo, tornando-se mais proficiente diante de apelos políticos populares que trazem em si o gérmen da intolerância; lançando uma perspectiva social sobre como a linguagem organiza-se para criar sentidos que tensamente projetam falsas imagens sobre um governo que se diz feito para todos, mas que se sustenta sob as bases da intolerância, exclusão e xenofobia.

O estudo do *ethos* leva à compreensão de que, como mencionam López-Muñoz e Gonçalves (2018, p. 3343), "não é a pessoa real que está falando, mas um avatar dessa, uma identidade conjuntural criada com conhecimento de causa", guiada por objetivos sobre os quais projeta a sua fala. Essa dinâmica cria socialmente um jogo de aceitação parcial ou completa dos modelos de identidades sociais.

Conforme os autores, tudo isso resulta do posicionamento do locutor "em relação ao que ele disse e em relação às convenções que regem a situação de comunicação. Tal posicionamento implica uma tensão constante entre desejos e intenções do locutor, por um lado, e limitações sociodiscursivas, por outro". Para tanto, é considerada a situação enunciativa em sua integralidade, os espaços sociais nos quais uma dada comunicação se edifica, os gêneros discursivos que ela suscita, os parceiros comunicativos que estão postos em relação.

Notas

¹ Tradução nossa para o trecho original: “The American Dream is that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for everyone, with opportunity for each according to ability or achievement.”.

² Os *Founding Fathers* – os pais fundadores dos Estados Unidos da América - foram líderes políticos que se envolveram ativamente no processo de independência desse país, participando da Revolução e/ou contribuindo para a redação da Constituição Norte-Americana.

³ Tradução nossa para o trecho original: "With your help and your voice we will bring back our jobs, we will bring back our wealth and for every citizen across this land we will bring back our great American dream." Disponível em <https://www.cnbc.com/video/2017/09/29/trump-we-will-bring-back-the-great-american-dream.html>. Acesso em: 24 jan 2020.

⁴ Tradução nossa para o trecho original: “America will start winning again, winning like never before. We will bring back our jobs. We will bring back our borders. We will bring back our wealth, and we will bring back our dreams.” (TRUMP, jan/2017).

⁵ Tradução nossa para o trecho original: “Our country needs a truly great leader, and we need a truly great leader now. We need a leader that wrote *The art of the deal* (TRUMP, jun 2015). A *arte da negociação* foi o primeiro livro escrito por Trump (1987). De acordo com informações encontradas na aba esquerda de *Grande outra vez*, trata-se de "um clássico e um dos livros de negócios mais bem sucedidos de todos os tempos.".

⁶ Tradução nossa para o trecho original: [That's why I am running]: (...) to offer the American people a new future of honesty, justice and opportunity. A future where America, and its people, always - and I mean always - come first. And, I will never, ever stop fighting for you.” (TRUMP, ago/2016).

⁷ Tradução nossa para o trecho original: “We are going to put American people first again.” (TRUMP, ago/2016).

⁸ Tradução nossa para o trecho original: “We don't have victories any more. We used to have victories, but we don't have them.” (TRUMP, jun/2015).

⁹ Importa salientar que os discursos proferidos por Trump relativamente à China aqui transcritos referem-se a falas do presidente quando em campanha, previamente à conclusão do acordo comercial assinado entre China e os EUA, em janeiro de 2020.

¹⁰ Tradução nossa para o trecho original: “A lot of people can't get jobs. They can't get jobs because there are no jobs. Because China has our jobs and Mexico has our jobs. They all have jobs. Our enemies are getting stronger and stronger by the way, and we as a country are getting weaker.” (TRUMP, jun/2015).

¹¹Tradução nossa para o trecho original: "I'll bring back our jobs from China, from Mexico, from Japan, from so many places. I'll bring back our jobs, and I'll bring back our money." (TRUMP, jun/2015).

¹²Tradução nossa para o trecho original: "When Mexico sends its people, they're not sending their best. They're sending people that have lots of problems, and they're bringing those problems with us. They're bringing drugs. They're bringing crime. They're rapists. And some, I assume, are good people." (TRUMP, jun/2015).

¹³Tradução nossa para o trecho original: "They (Mexicans) are laughing at us, at our stupidity. And now they are beating us economically. They are not our friend, believe me. They're killing us economically." (TRUMP, jun/2015).

¹⁴Tradução nossa para o trecho original: "I would build a great wall, and nobody builds walls better than me, and I'll build them very inexpensively, I will build a great, great wall on our southern border. And I will have Mexico pay for that wall. Mark my words." (TRUMP, jun/2015).

¹⁵ Tradução nossa para o trecho original: "(China) [...] is ripping us. We're rebuilding China. We're rebuilding many countries. China, you go there now, roads, bridges, schools, you never saw anything like it. And they're all over the place. (TRUMP, jun/2015).

¹⁶Tradução nossa para o trecho original: "Stand up to China (...) and protect every American last job." (TRUMP, ago/2016).

¹⁷Tradução nossa para o trecho original: "The wealth of our middle class has been ripped from their homes and then redistributed all across the world. One by one, the factories shuttered (...) and millions of American workers (...) were left behind." (TRUMP, jan/2017).

¹⁸Tradução nossa para o trecho original: "We do not seek to impose our way of life on anyone, but rather let it shine as an example." (TRUMP, jan/2017).

¹⁹Tradução nossa para o trecho original: "If you want to join our society, the you must embrace our society. Or values, our tolerant way of life." (TRUMP, ago/2016).

²⁰Tradução nossa para o trecho original: "And we will screen out anyone who doesn't share our values and love our people." (TRUMP, ago/2016).

²¹Tradução nossa para o trecho original: "We will promote our American values, our American way of life, and our American system of government, which are all, all the best in the world." (TRUMP, ago/2016).

²²Tradução nossa para o trecho original: "We will make America great again." (TRUMP, jun/2015).

²³Tradução nossa para o trecho original: "And most importantly, we will be protected by God." (TRUMP, jan/2017).

²⁴Tradução nossa para o trecho original: "(Working together, we will begin) the urgent task of rebuilding our nation and renewing the American dream." (TRUMP, nov 2016).

²⁵Tradução nossa para o trecho original: “I refuse to let another generation of American children be excluded from the American dream.” (TRUMP, ago/2016).

²⁶Tradução nossa para o trecho original: “We're going to get rid of regulations that send jobs overseas and we are going to make it easier for young Americans to get the credit they need to start a new business and pursue their dream.” (TRUMP, ago/2016).

²⁷Tradução nossa para o trecho original: “We're going to get rid of regulations that send jobs overseas and we are going to make it easier for young Americans to get the credit they need to start a new business and pursue their dream.” (TRUMP, nov/2016).

²⁸Tradução nossa para o trecho original: “Together, we will determine the course of America and the world for many, many years to come.” (TRUMP, jan/2017).

²⁹Noam Chomsky (1928 -) é um importante teórico político estadunidense, crítico feroz das políticas estrangeiras do país onde nasceu, continuamente questionando os abusos de poder praticados pelos EUA. É também conhecido por seu relevante papel enquanto linguista, sendo o autor da teoria gerativista.

Referências

ADAMS, James Truslow. *The Epic of America*. Boston: Little, Brown and Company, 1931.

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I - A estilística*. (1975) São Paulo: 34, 2015.

CHOMSKY, Noam. *Requiém para o sonho americano*. Trad. Milton Chaves de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GONÇALVES, T. M. *Vozes sociais em confronto: Sentidos polêmicos construídos discursivamente na produção e recepção de charges*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2015. Disponível em <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7160/1/000466609-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: jun. 2020.

FRANKLIN, B. *Autobiografia*. (1791) Trad. Sarmento de Beires e José Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LÓPEZ-MUÑOZ, J. M; GONÇALVES, T. M. Ethos e cenografia da Voice for Men – Brasil: uma exploração do discurso intimidatório na internet. *Revista Letras Hoje*, v. 53, n. 3, p. 340-351, jul.-set. 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/32918/17640>. Acesso em: jun. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico à noção de ethos. *Revista Letras Hoje*, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul.-set. 2018. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/32914/17642>. Acesso em: jun. 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas, SP: Ponte Editores, 2013.

TRUMP, Donald. *Grande outra vez: como recuperar a América debilitada*. (2015) Porto Alegre: CDG, 2017.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (1929) São Paulo: 34, 2017.

ZIFF, Larzer. Introduction. In: *The portable Benjamin Franklin*. Penguin Books, 2005.

Discursos:

Full text: Donald Trump announces a presidential bid

<https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2015/06/16/full-text-donald-trump-announces-a-presidential-bid/>

16/jun/2015

Donald Trump's best speech of the 2016 campaign, annotated

<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/19/donald-trumps-best-speech-of-the-2016-campaign-annotated/>

19/agosto/2016 em: Charlotte

Full text of Donald Trump's victory speech

<https://edition.cnn.com/2016/11/09/politics/donald-trump-victory-speech/index.html>

09/nov/2016

President Trump's full, blistering inaugural speech, attacking Washington, promising 'America first'

<https://www.cnn.com/2017/01/20/transcript-of-president-trumps-inauguration-speech.html>

20/jan/2017

Para citar este artigo

GOMES, Graziella Steigleder; GONÇALVES, Tamiris Machado. A gênese do American dream e sua ressignificação no cenário estadunidense contemporâneo: uma análise discursiva. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 362-382, set.-dez. 2020.

As autoras

Graziella Steigleder Gomes é Mestre em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, realiza doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras na PUCRS. É bolsista CAPES/PROEX. E-mail: graziella.gomes@edu.pucrs.br

Tamiris Machado Gonçalves é Doutora em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, realiza pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). É bolsista PNPd/CAPES. E-mail: mtamiris@gmail.com